

REENCONTRO
literatura

Nicolau Gógol

O inspetor geral

Tradução e adaptação em português de
Sylvia Orthof

Ilustrações de
Célia Seybold



editora scipione

Gerência editorial

Sâmia Rios

Edição

Cristina Carletti

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Marília Andrade Pinto,

Ricardo Abílio da Silva

e Thiago Barbalho

Diagramação

Carla Almeida Freire

Programação visual de capa e miolo

Didier Dias de Moraes

Ilustração de capa

Alexandre Argozino

Traduzido e adaptado de *Der Revisor*, de Nicolau Gógol, traduzido do russo por Johannes von Günther. Stuttgart: Reclam, 1984.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: atendimento@scipione.com.br



2014

ISBN 978-85-262-8384-8 – AL

ISBN 978-85-262-8385-5 – PR

Cód. do livro CL: 738024

CAE: 263364 - AL

10.ª EDIÇÃO

3.ª impressão

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gogol, Nikolai Vassilevitch, 1809-1852.

O inspetor geral / Nicolau Gógol; adaptação em português de Sylvia Orthof. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literaria)

1. Literatura infantojuvenil I. Orthof, Sylvia.
II. Título. III. Série.

97-1613

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Gógol?</i>	5
Capítulo 1	7
Capítulo 2	13
Capítulo 3	17
Capítulo 4	22
Capítulo 5	28
Capítulo 6	35
Capítulo 7	40
Capítulo 8	45
Capítulo 9	56
Capítulo 10	61
Capítulo 11	68
Capítulo 12	77
<i>Quem foi Sylvia Orthof?</i>	84

QUEM FOI GÓGOL?

A Europa das vastas extensões de terras mal aproveitadas, repartidas entre poucos proprietários que mantinham seus camponeses em regime de semiescravidão, desapareceu no decorrer do século XIX. A Revolução Industrial (1780), com os novos meios de produção, e a Revolução Francesa (1789), com as novas conquistas sociais e políticas, mudaram a fisionomia do velho continente.

O imenso Império Russo, no entanto, permanecia à margem desse processo. A constante crise de abastecimento de gêneros agrícolas e as incontáveis revoltas camponesas contra a miséria e a servidão não convenciam os grandes proprietários da necessidade de mudança. Nas cidades, a burocracia e a corrupção alimentavam milhares de funcionários públicos, com o dinheiro proveniente dos pesados impostos. O império se encaminhava para uma grave crise, admitida até pelo czar Nicolau I (1796-1855). Mas como efetuar uma reforma tão importante sem abalar o regime político e social?

O jovem Nicolau Gógol, nascido na província da Ucrânia, preocupava-se com a situação do seu país, porém admirava o czar e o regime e temia as consequências que profundas transformações sociais pudessem causar. Foi então com surpresa e embaraço que Gógol recebeu as críticas violentas dirigidas contra o seu *O inspetor geral*. Escrito para o teatro, *O inspetor* foi levado ao palco em 1836, causando um grande escândalo na alta sociedade da capital, São Petersburgo. A mediocridade e a corrupção dos administradores públicos nunca haviam sido expostas tão claramente e, como fator agravante, de forma tão satírica. A censura, rigorosa, só não foi aplicada por influência do próprio czar.

Gógol foi o primeiro escritor a abordar de maneira contundente a triste situação do seu país, revelando caminhos para outros grandes escritores russos como Dostoiévski, Tolstoi, Tchekov e Górkí, por exemplo. Mas ele nunca pretendeu ser um ativista político ou um revolucionário. Ele apenas seguia o conselho de seu amigo Púchkin, o maior poeta da língua russa: “Crie personagens russos, personagens

da nossa casa, como nós! Percorra nosso país, em todos os sentidos, tão vasto; quanta gente respeitável, quantos espertalhões que perturbam a vida de tantos e nenhuma lei os pune! Que toda a população os possa reconhecer! Que todos riam deles! Oh, rir é uma grande coisa! O homem não teme nada quando ri!”.

Gógol viajou por vários países da Europa, mais do que percorreu a Rússia. Porém, desde criança mostrou-se um observador atento da realidade, quando se deixava entreter com as conversas e histórias dos servos da fazenda de seu pai. Aos 19 anos mudou-se para São Petersburgo, onde trabalhou como escriturário, escreveu contos para revistas e publicou seu primeiro livro. Foi nomeado professor de História na universidade, mas demitiu-se depois de um ano: seus alunos o consideravam um professor medíocre, opinião que ele mesmo compartilhava. Gógol achava-se igualmente incapaz de levar adiante seus projetos de escrever livros de História. Apesar de consciente da sua condição de grande destaque na literatura russa, ele jamais se deu conta de que suas obras eram o melhor registro da história do seu tempo.

Autor de *Diário de um louco*, *O nariz*, *O capote* e *Taras Bulba*, para citar apenas algumas de suas obras, Gógol sofria, porém, frequentes crises de insegurança. Muito vulnerável às opiniões alheias, principalmente depois da morte de Púchkin, deixou-se abater pelas críticas incoerentes que recebia das mais diversas facções políticas: de conservadores a liberais, da Igreja aos revolucionários. Suas sátiras à burocracia e à servidão, por exemplo, foram interpretadas pelo mais importante crítico literário russo da época como um golpe aplicado contra a luta pelo progresso. Abalado física e psicologicamente, Gógol atirou ao fogo os manuscritos do segundo volume da sua obra-prima, *Almas mortas*. Morreu nesse mesmo dia, 11 de fevereiro de 1853, aos 43 anos.

Capítulo 1

Esta história aconteceu na Rússia, há muito tempo, mas poderia ter acontecido (ou até estar acontecendo) em qualquer outro país. Você, leitor, pode imaginar uma aldeiazinha em meio a um cenário de neve, algo longínquo, quase um cartão-postal. Quem será toda essa gente, com ar importante, que corre para aquela casa, sem dúvida a mais rica do lugar? O que estará havendo?

Pois aquela é a casa do governador de Kolmogor. Ali foi convocada uma reunião de emergência, porque havia ocorrido algo muito grave, capaz de tirar o sossego de muitos dos habitantes do local.

Dentro da casa, o governador, já cercado por algumas das pessoas mais graúdas daquele pequeno mundo, estava aflitíssimo. Mas quem eram essas personalidades? O diretor do hospital, Artêmi Filípovitch Ziemlianka, e Lucas Lukitch, o diretor da escola. Entrou em seguida, depois de ter escorregado na soleira da porta, por causa do gelo ou das esporas que sempre usava, o juiz, chamado Amós Fiodoróvitch Liápkín-Tiápkín. Chegaram ainda mais dois soldados e o doutor Cristiano Ivánovitch Gibner, um médico de ar perplexo e muito quieto... não por ser médico ou funcionário do hospital, mas porque não sabia falar russo. Isso, no entanto, não atrapalhava suas funções, pois ele sabia como cobrar as contas dos pacientes, embora não compreendesse as suas queixas. Com certeza, o tal médico tinha arranjado aquele posto no hospital através da recomendação de alguém muito importante. Coisas da Rússia... ou de qualquer outro lugar onde existam padrinhos.

Todos os convocados estavam tensos, sem poder imaginar o motivo da urgentíssima reunião.

O governador, Anton Antonóvitch Skovznik-Dmukhanovski (talvez fosse melhor chamá-lo somente de “o governador”,

você não acha?), passou então a explicar, num tom de discurso, o motivo da convocação:

– Senhores, amigos, meus compatriotas! Resolvi reuni-los aqui em caráter de emergência porque recebi uma notícia deveras inquietante: está para chegar à nossa aldeia... um **inspetor!**

Houve um momento de silêncio dramático. O juiz Amos, depois de tilintar as esporas, esbugalhou os olhos e perguntou:

– Mas será mesmo verdade? Um inspetor? Um... inspetor?

Os presentes entreolharam-se. Todos sabiam o que significava a presença de um inspetor entre eles; alguém encarregado de inspecionar cada canto da aldeia, a fim de verificar se ela estava sendo bem administrada. Não só de verificar, mas também de fazer relatórios sobre a conduta dos administradores. Se qualquer irregularidade fosse constatada...

O diretor do hospital, torcendo as mãos, gélidas pelo nervosismo, não queria acreditar:

– Será que ouvimos a palavra certa? Não haverá algum engano? Talvez um erro de... de... de diagnóstico? É mesmo um inspetor?

O governador parecia não escutar as perguntas e andava de um lado para o outro. De repente, lembrou-se do pesadelo que tivera na noite anterior, com certeza um presságio: sonhara com ratos enormes, que chegavam perto dele e o cheiravam... depois fugiam, com medo. Sonhar com ratos não podia mesmo ser bom sinal!

Foi então que decidiu tirar do bolso a carta que recebera. E leu-a em voz alta e em tom solene, como quem lê sua própria sentença de morte:

– “Querido amigo e benfeitor Anton Antonóvitch Skovznik-Dmukhanovski: estou escrevendo às pressas para mandar-lhe uma informação urgente, que exige providências urgentíssimas. Soube, através de fonte fidedigna, que está para chegar aí um funcionário especializado em inspeções de província. Por motivos secretos, o tal inspetor viaja incógnito e deverá chegar a qualquer momento. Como sei que meu amigo e benfeitor não